



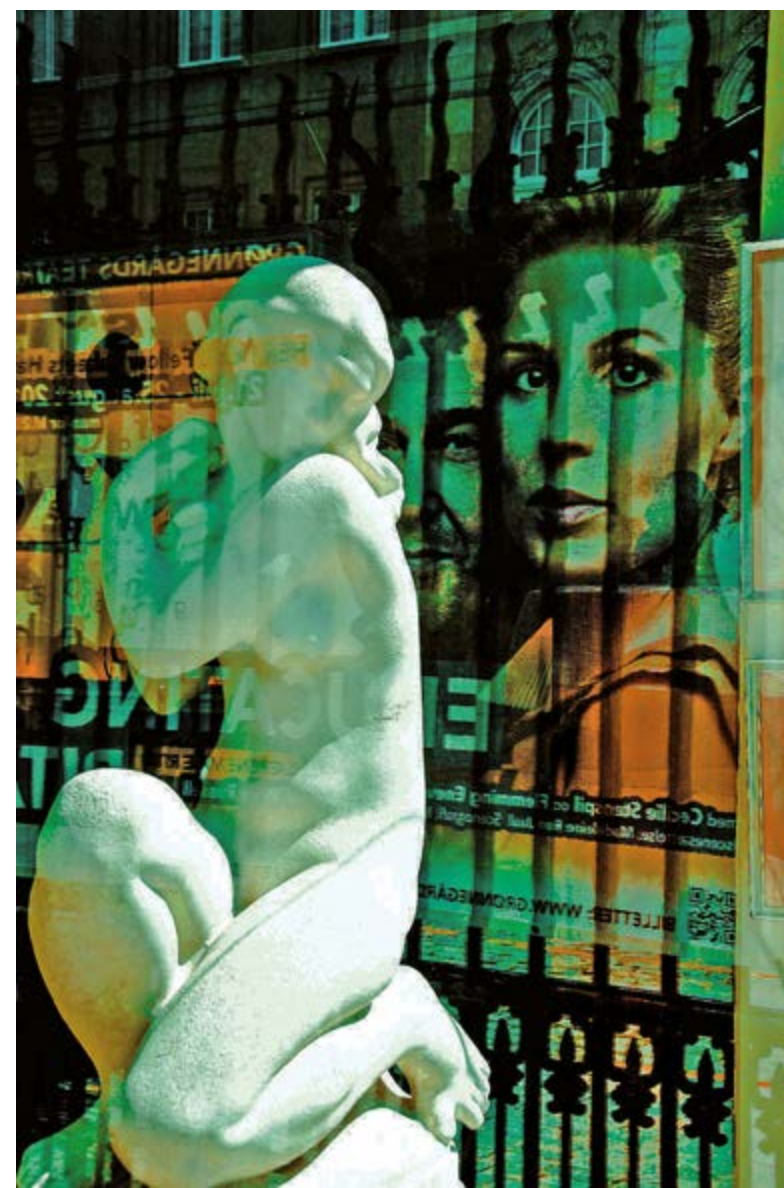
entretempos

RENAULT CASTRO

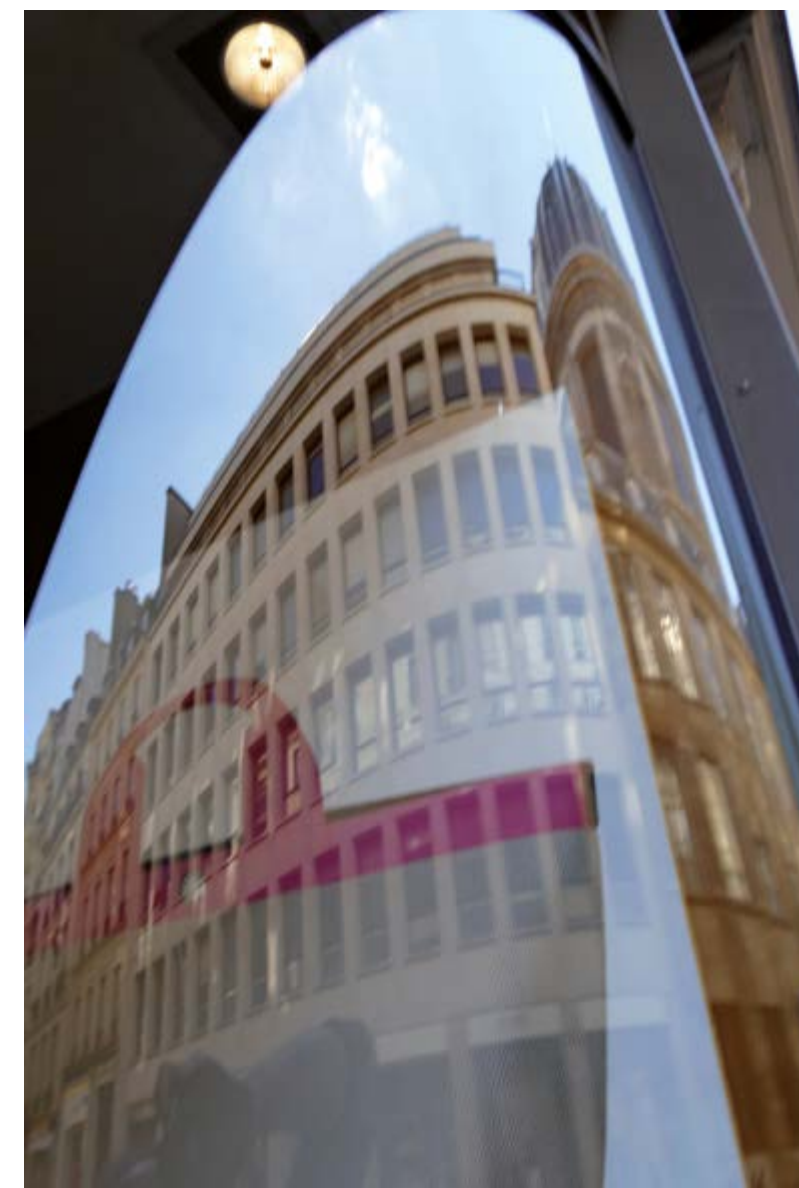
fotografia 1976 / 2015



Berlin, Alemanha, 2012
20x30 cm



Copenhague, Dinamarca 2012
30x20 cm



Paris, França, 2015
30x20 cm



Cartagena, Colômbia, 2015
70x50 cm



Buenos Aires, Argentina, 2015
70x50 cm



Brasília - DF, 1977
60x40 cm



Brasília - DF, 1977 (detalhe)
60x40 cm



Brasília - DF, 1977
60x40 cm



Brasília - DF, 1977
60x40 cm



Brasília - DF, 1977
40x60 cm

Entretempos: RENAULT CASTRO, fotografias 1976/2015.

Fotografar não é apenas tirar uma foto. Milhões de fotos são postadas diariamente nas redes sociais porque a imagem tornou-se parte do vocabulário de todos, ferramenta comum das conversas, tendo por função essencial substituir palavras. Mas fotografar demanda construir uma linguagem, aportando um pensamento próprio. Fotografia é autoria.

O apego de Renault Castro à fotografia – que remonta a quarenta anos e só agora se oferece em primeira mão ao público – permite avistarmos o valor de uma dedicação de vida, recolhida numa atitude discreta, em que prevalece o desejo genuíno de entender o mundo e o olhar.

Renault usufrui de uma forma própria de fotografar. Compreende que a lógica da vida pode ser avistada no outro, o estranho com quem se encontrará uma única vez, por uma minúscula fração de tempo. Assim o artista situa-se como um andarilho e entende a vida como um filme contínuo, expressão de anônimos, em uma dinâmica que apenas o instantâneo pode registrar.

O instantâneo, que remonta o trabalho de tantos fotógrafos renomados, torna-se linguagem sempre que o relato se sobrepõe à imagem. Quando aquilo que se quer registrar é maior que as formas de ver, maior que qualquer entendimento técnico. Trata-se então de tomar o instantâneo de fotografia como propósito, para apreender aquilo que tenta escapar em um relance.

Somam-se em Renault as figuras do *voyager* e do *voyeur*, entendendo o mundo como lugar a ser conhecido e criticado e, simultaneamente, sendo capaz de compreender a beleza como coisa do tempo, fragmento que só o fotograma é capaz de sustentar.

Curiosa é a imagem do velho turista engravatado fotografando um jardim em Zurique, no fim dos anos 1970, equilibrando-se nas pernas, olhar fixado no visor da máquina. *Alter-ego* postado sobre planos, placas e superfícies ocas, ele espelha este outro sujeito que agora o fotografa e tenta preencher os vazios do mundo ao redor.

Renault não se detém em equipamentos, aparatos ou efeitos. Suas máquinas obedecem à lógica das situações – devem caber no bolso, ora na bolsa, acomodando-se ao percurso – e prestam-se à crônica daquilo que se está a perder e que, portanto, prescinde de tripés e apoios fixos.



Ouro Preto - MG, 1979
30x20 cm

É assim que avistaremos uma China de antes, tão fechada aos olhares ocidentais, ou o interior de uma União Soviética onde o cotidiano das lonjuras reverbera semelhanças inusitadas com os trópicos. Poderia ser uma cena brasileira, mas é o interior da Rússia. Aquela outra poderia ter sido tirada na Albânia, mas é uma parada de Sete de Setembro em Brasília, nos anos da ditadura. Preserva-se uma familiaridade entre universos que imaginamos antagônicos e cuja lógica de intimidade e afeição somente a fotografia consegue testemunhar. Nela, acumula-se o tempo.

A foto veloz de Renault Castro é tirada entre acessos e restrições, no entendimento da imagem como veículo literário, não literal. Uma velha senhora compartilha com seu cachorro a paisagem vista de uma janela de trem. Os personagens ficam comparados em atenção e interesse, submetidos a um mesmo deslocamento, irmanados em seu contentamento. A bolsa inerte, posta ao lado, projeta na dupla a solidez das coisas inanimadas e replica uma escala de semelhanças: encostos de poltronas, senhora, cachorro, bolsa, pacote. Coisas tão diferentes e tão semelhantes.

O olhar do artista perambula por lugares distantes, entre personagens singelos e paisagens obtusas, incluindo muitos assuntos para tratar de um mesmo interesse profundamente humanista, testemunhando gênese e falência de uma civilização. Postas lado a lado, suas fotos impõem-nos o constrangimento da convivência com um mundo que se faz e se desfaz sob nosso olhar.

Um casal que descansa os pés no parque, uma bailarina que ensaia na sobreloja, um bêbado deitado sob o umbral da porta, atravessando uma arquitetura. Imensas solidões. Gera-se aí o interesse em aferir origens e destinos, histórias e emoções. Componentes nossos, que ganham sentido na intimidade de ver o outro. É assim que nosso pensamento acomoda-se com mais clareza, não sobre nossas próprias questões, mas sobre o desconhecido.

Essa capacidade de transferência que a boa fotografia nos oferece opera em nós um tipo de reconhecimento, conduzindo nossa imaginação. Aí podemos enxergar o mundo, aferir seu funcionamento e criticar.

Renault compreende o registro fotográfico como recorte, congelamento de um lugar que só existe na própria imagem, jamais além dela, jamais na realidade. É a fotografia como circunstância legível em mais que mil palavras. Fotos de um escritor.

Ralph Gehre, julho de 2016.



Miami, EUA, 2015
30x42 cm



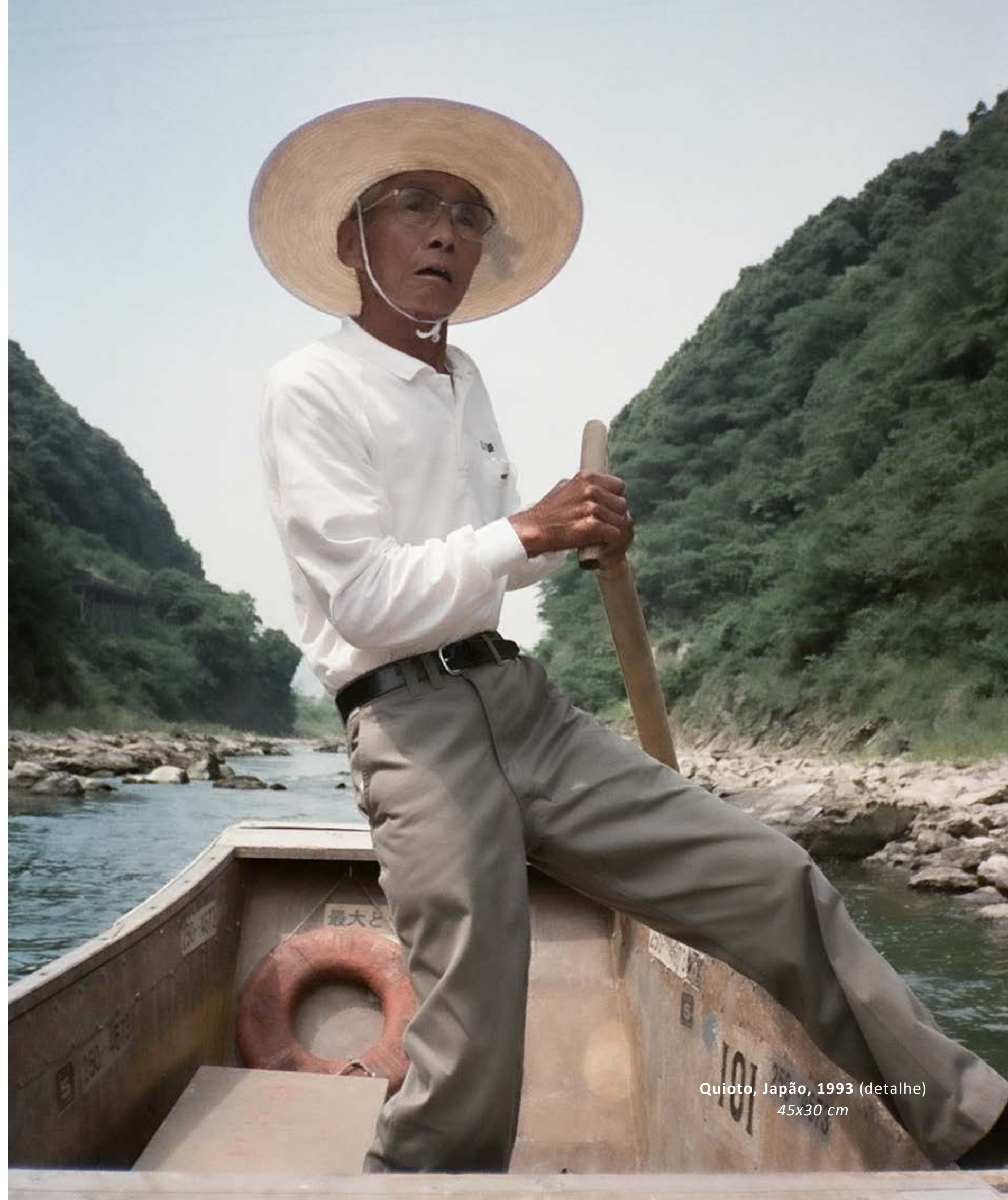
Bucareste, Romênia, 2015
30x45 cm



Cartagena, Colômbia, 2015
30x42 cm



Búzios - RJ, 2010
30x45 cm



Quioto, Japão, 1993 (detalhe)
45x30 cm



Zurique, Suíça, 1979
45x30 cm



Bucareste, Romênia, 2015
45x30 cm



Tóquio, Japão, 1993
45x30 cm



Roma, Itália, 2009
30x45 cm



San Diego, EUA, 2011
30x42 cm



Ouro Preto - MG, 1979 (detalhe)
60x40 cm



Ouro Preto - MG, 1979
40x60 cm



Nice, França, 2012
40x60 cm



Londres, Inglaterra, 1980
40x60 cm



Paris, França, 1979
40x60 cm



Paris, França, 1979
40x60 cm



Oxford, Inglaterra, 1980
30x45 cm



Paris, França, 2015
30x45 cm



Brasília – DF, 1976
40x60 cm



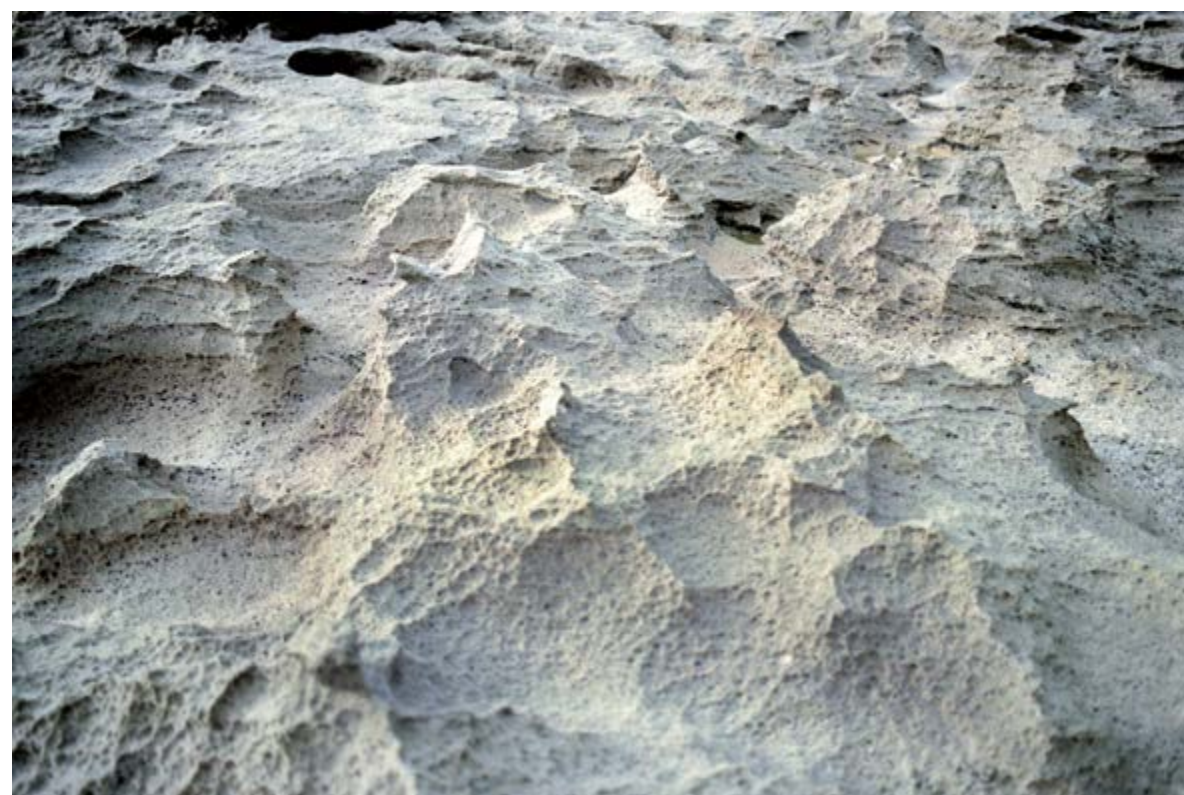
Brasília – DF, 1976 (detalhe)
40x60 cm



Natal - RN, 1991
40x60 cm



Barra Grande - BA, 2015
40x60 cm



Natal - RN, 1991
40x60 cm



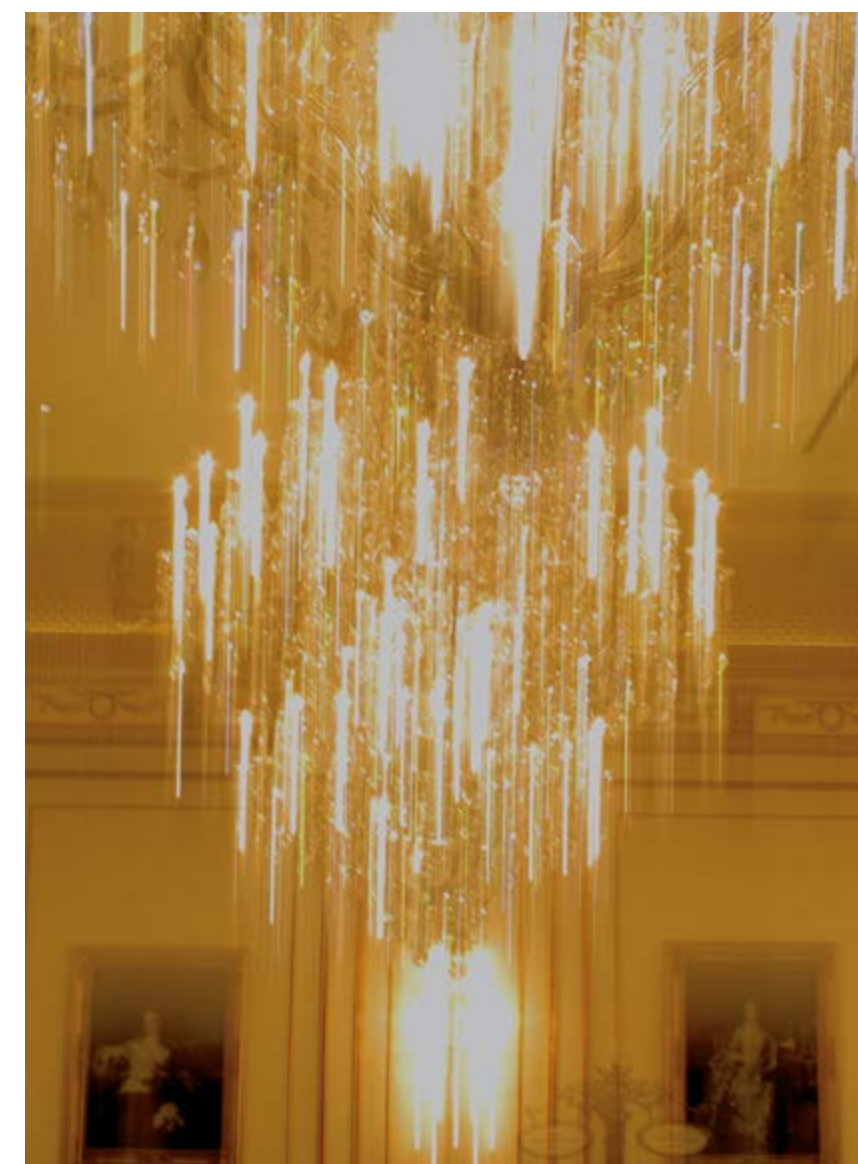
Nova York, EUA, 2007
40x60 cm



Praia de Pipa - RN, 1992
70x70 cm



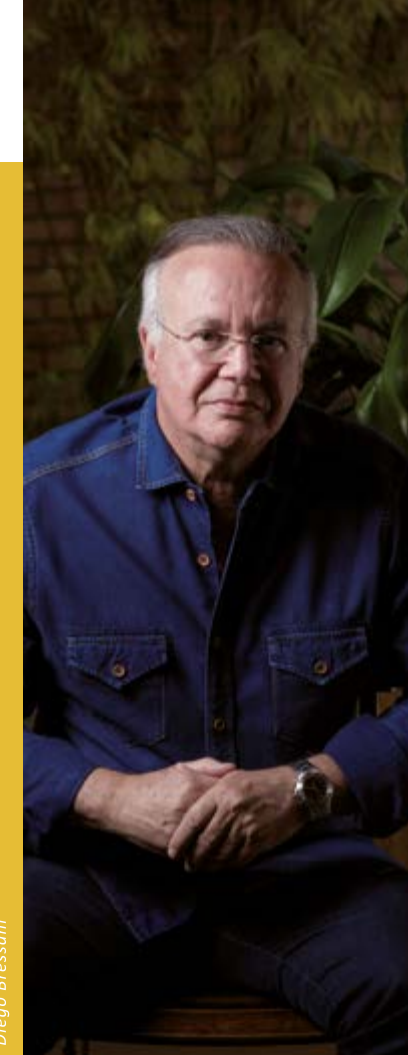
Brasília - DF, 2015
70x50 cm



Las Vegas, EUA, 2011
70x50 cm



Moscú, URSS, 1979
30x45 cm



Diego Bressani

trajetória

Renault Castro

Nascido em Goiânia - GO em 1952, Renault mudou-se para Brasília no início dos anos 60, tendo explorado em sua infância a construção e o nascimento de toda uma cidade, com suas pessoas, naturezas e arquiteturas singulares. Explorava o mundo brincando em baixo dos primeiros blocos do Plano Piloto e sob a poeira do cerrado, experimentando novamente a sensação de liberdade que já conhecia desde os tempos das suas aventuras na Fazenda Mata do Algodão, propriedade da sua família, perto da sua cidade natal.

Já com 13 anos, em sua primeira grande viagem para conhecer o mar, tendo como “equipamento” uma Kodak Instamatic, teve suas primeiras experiências fotográficas. Mal sabia que essa viagem seria seguida de outras, para lugares ainda mais distantes, mais diversos, e que o seu olhar se tornaria cada vez mais afiado para o incomum.

Em 1976, na primeira de muitas viagens ao exterior, experimenta a sensação do inverno em Roma, Paris, Londres e Amsterdã, acompanhado de uma câmera compacta Olympus Trip emprestada. Esse foi o começo de uma série de momentos marcantes, registrados com enquadramentos e ângulos não convencionais, imagens fugazes do cotidiano.

Naquele mesmo ano, já com um recém-adquirido equipamento de qualidade semiprofissional a tiracolo, fez um curso básico de fotografia em preto e branco, na findada “3x4 Escola de Fotografia e Cinema Super-8” (sic), que funcionava numa modesta casa na W3 Sul, Quadra 705. Foram estudos e experimentos que, apesar da curta duração, se tornaram a principal forma de explorar sua capacidade de expressão. Foi o início da compreensão real da imagem como representação, aquela que o trouxe até aqui.



Máquinas e equipamentos mais sofisticados vieram logo depois, permitindo imagens saturadas, com forte carga de irrealidade e um estilo particular presente desde essa época. Foram anos com a dramaticidade do preto e branco e um olhar modernista que exhibe a realidade brasileira com um toque marcante próprio daquela época. Nostálgicas paradas de Sete de Setembro e o desejo de liberdade que contagiava a juventude nos Anos de Chumbo.

Em 1979, numa viagem a trabalho para Suíça, França e a Rússia, então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, alcançou o seu recorde de produtividade em fotografia analógica a cores (13 rolos de filmes de 36 poses em cerca de 20 dias de viagem!), com registros de excepcional originalidade de lugares e de pessoas, exibindo um forte conteúdo antropológico.

O curso de mestrado em Oxford, Inglaterra, as viagens nos fins de semana para os arredores da cidade e durante as férias para outros países europeus dominaram o seu trabalho em 1980 e 1981, coincidindo com uma transição definitiva para o filme colorido, o que trouxe novas texturas à sua obra.

Daí em diante a evolução foi rápida. Mais confiante na qualidade do seu trabalho, investiu em novos equipamentos de ponta. Aqui o universo da obra se torna tangível e transgressor. As cores fortes, os espaços apertados e a vontade de retratar um cotidiano diferente se apoderam da sua obra.

A partir de 2007, aderiu às câmeras digitais, chegando a equipamentos de última geração em 2013, o que elevou a qualidade das imagens produzidas. Os relatos da contemporaneidade se unem aos mundos perdidos dos primeiros anos: as transparências dos espaços oprimidos e o olhar pertinente sobre a condição humana.

A questão que atravessa seu trabalho permanece constante, referida ao futuro e ao legado para os que virão: "Apesar da evolução tecnológica, confirmei que o mais importante de tudo, o valor da arte em si, da minha visão do mundo, do meu olhar como fotógrafo, não havia mudado ao longo do tempo. A essência da minha arte fotográfica em nada fora alterada. E foi assim que segui, convicto, na busca pela originalidade, por formas de expressar meus sentimentos."



Paris, França, 1979
30x45 cm



Paris, França, 1979
30x45 cm



Moscou, URSS, 1979
30x45 cm



Paris, França, 1979
40x60 cm



Veneza, Itália, 2009
45x30 cm



Lyon, França, 2015
45x30 cm



Pequim, China, 1994
20x30 cm



Pequim, China, 1994 (detalhe)
30x20 cm



Pequim, China, 1994
60x40 cm



Pequim, China, 1994
60x40 cm



Krasnodar, URSS, 1979
30x20 cm



Moscou, URSS, 1979
30x20 cm



Vale do Loire, França, 1980
30x20 cm



Krasnodar, URSS, 1979
40x60 cm



Krasnodar, URSS, 1979
40x60 cm



Moscú, URSS, 1979 (detalhe)
30x45 cm



Krasnodar, URSS, 1979
20x30 cm



Bath, Inglaterra, 1980
30x45 cm



Agra, Índia, 2013
30x45 cm



Nova York, EUA, 2011
30x45 cm



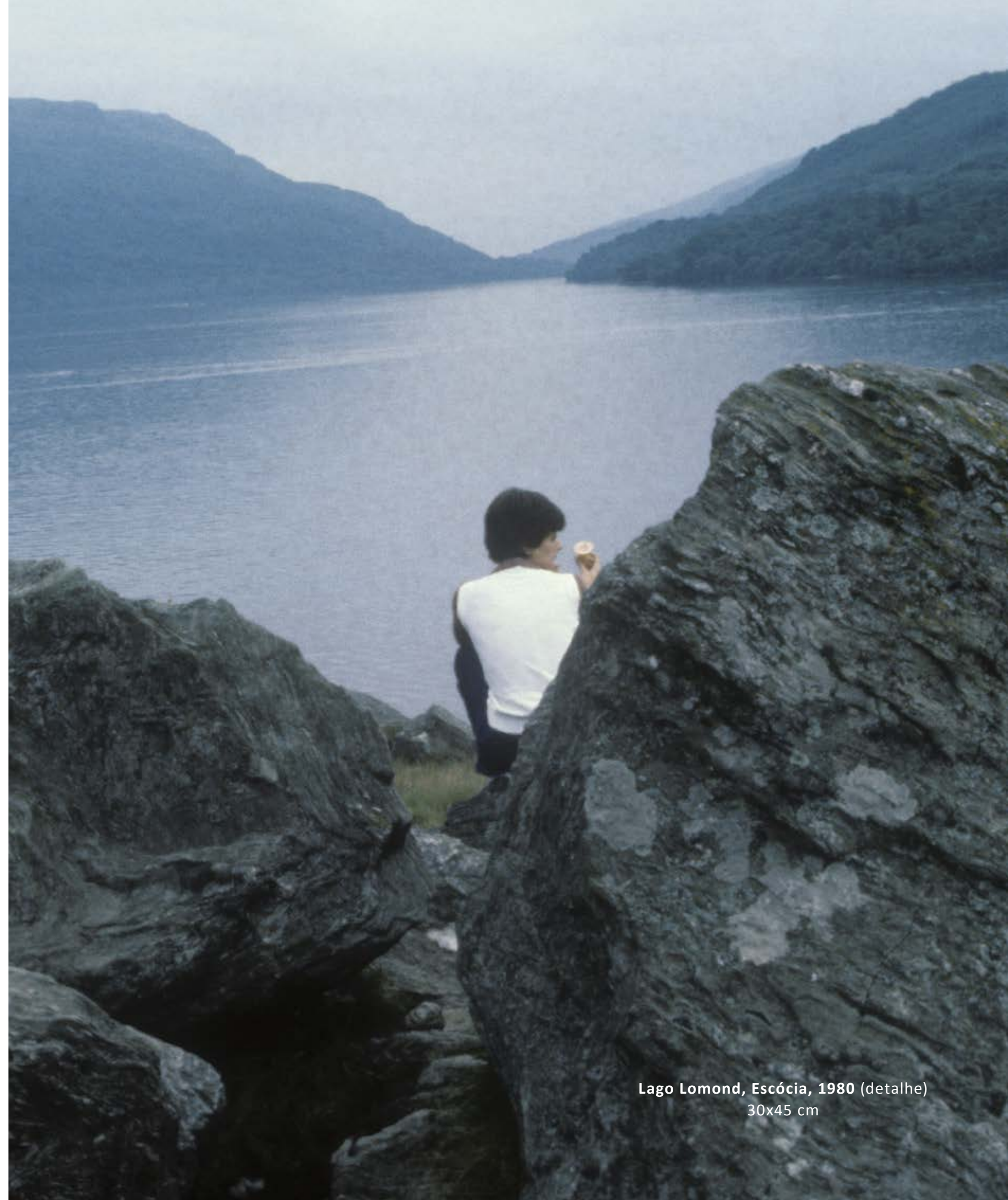
Edimburgo, Escócia, 1980
30x45 cm



Agra, Índia, 2013
30x45 cm



Moscou, URSS, 1979
30x45 cm



Lago Lomond, Escócia, 1980 (detalhe)
30x45 cm



Veneza, Itália, 2009
30x45 cm



Lyon, França, 2015
30x45 cm



Madri, Espanha, 2012
30x45 cm



Veneza, Itália, 2009
30x45 cm



Brasília - DF, 2012 (detalhe)
30x45 cm



Fazenda Mata do Algodão, Senador Canedo - GO, 1980
30x45 cm



Praia de Pipa - RN, 1992
30x45 cm

Câmara dos Deputados	Coordenação do Projeto
Mesa Diretora da Câmara dos Deputados	Secretaria de Comunicação Social
	Centro Cultural Câmara dos Deputados
Presidente	Secretário de Comunicação Social da Câmara dos Deputados
Rodrigo Maia (DEM/RJ)	José Priante (PMDB/PA)
1º Vice-Presidente	Diretora Executiva de Comunicação Social
Waldir Maranhão (PP/MA)	Gisele Azevedo Rodrigues
2º Vice-Presidente	Diretor do Centro Cultural
Giacobo (PR/PR)	Wesley Vasconcelos
1º Secretário	Núcleo de História, Arte e Cultura
Beto Mansur (PRB/SP)	Coordenação
2º Secretário	Goya Oliveira
Felipe Bornier (PSD/RJ)	Fotografia
3º Secretário	Renault Castro
Mara Gabrilli (PSDB/SP)	Curadoria
4º Secretário	Ralph Gehre
Alex Canziani (PTB/PR)	Produção
Suplentes	Fabiola Ferigato
Mandetta (DEM/MS)	Assessoria de Imprensa
Gilberto Nascimento (PSC/SP)	C.André Laquintinie
Luiza Erundina (PSB/SP)	Montagem e Manutenção da Exposição
Ricardo Izar (PSD/SP)	André Ventorim Edson Caetano
Procurador Parlamentar	Paulo Titula Victor Paiva Wendel Fontenele
Claudio Cajado (DEM/BA)	Projeto Gráfico
Corregedor Parlamentar	Israel Cerqueira
Carlos Manato (SD/ES)	Núcleo de Museu
Diretor-Geral	Coordenação
Lucio Henrique Xavier Lopes	Marcelo Sá de Sousa
Secretário-Geral da Mesa	Museóloga
Wagner Soares Padilha	Luciana Scanapieco
	Conservação e Restauração
	Seção de Conservação e Restauração da Câmara dos Deputados
	– Cobec/Cedi
	Material Gráfico
	Coordenação de Serviços Gráficos – CGRAF/DEAPA

Contato do artista
Renault Castro
(061) 99971-1313
renault.castro@abralatas.org.br

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70.160-900 – Brasília/DF
<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

Brasília, setembro de 2016.





Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social

